

A Bela Adormecida¹ ***Das Dornröschen*²**

Nós vivemos na época do socialismo, do movimento feminista, do trânsito, do individualismo. Ainda assim não caminhamos em direção à época da juventude?

Em todo caso, vivemos num tempo, em que não se consegue folhear uma revista sem que a palavra “escola” salte aos olhos; num tempo, em que as palavras coeducação, Internato Rural, criança e arte ressoam no ar. A juventude, porém, é a Bela Adormecida, que dorme e não desconfia que o príncipe se aproxima para libertá-la. Nossa revista quer contribuir, da melhor forma possível, para que os jovens despertem, para que participem da luta que é travada em torno deles. Nossa revista quer mostrar à juventude o valor e a expressão que é a ela atribuído nas obras dos Grandes: de um Schiller, de um Goethe, de um Nietzsche. Ela quer lhe indicar caminhos para se despertar um senso de comunidade, uma consciência de si mesmo, tal qual como aquele que tecerá e moldará a forma da história universal em algumas décadas.

Um rápido exame da literatura mundial comprova que esse ideal de uma juventude consciente de si mesma como um agente da futura cultura não provem de hoje, mas sim que é uma intuição, que já foi claramente enunciada pelos grandes nomes da literatura.

Difícilmente encontra-se ideias que correspondam a nosso tempo, e que Shakespeare já não tivesse mencionado em suas peças, sobretudo na tragédia do homem moderno, em Hamlet. Nela, Hamlet diz as palavras:

O tempo é de fendas, de desonra e dissabor,

Assim, eu vim, para o mundo em ordem pôr.

O coração de Hamlet é amargurado. Ele vê seu tio como um assassino, e sua mãe

¹ Tradução de Gabriel Galbiatti Nunes. Mestre em Filosofia na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutorando em Filosofia na Universidade Federal de Uberlândia; bolsista da FAPEMIG. E-mail: gabriel.galbiatti.nunes@hotmail.com; LATTES: <http://lattes.cnpq.br/0820496417282003>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5763-7171><http://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v37n81a2023-70300>

² Durante sua juventude, precisamente entre os anos de 1912 e 1915, Walter Benjamin participa ativamente da ala radical do Movimento da Juventude – movimento estudantil voltado a propagar no ambiente universitário as ideias de uma cultura independente da juventude, tendo como base os escritos de Gustav Wyneken. No decorrer desses anos, ele publicou diversos textos na revista *Der Anfang*, que abordavam a formação de uma comunidade juvenil, que alçaria à criação de uma cultura europeia elevada, cujo esteio residiria nos grandes nomes da literatura mundial. “A Bela Adormecida” é um de seus trabalhos publicados na revista, cujo escopo é despertar a juventude à sua missão histórica de objetivar a criação dessa tão sonhada cultura. Benjamin rompe com o Movimento da Juventude em 1915, desiludido com o engajamento político que o movimento passa, pouco a pouco, a exercer.

vivendo um caso de incesto. E qual sentimento emerge nele, sabendo disso? Ele certamente sente nojo do mundo, mas não se afasta deste, com uma atitude misantrópica; em vez disso, vive nele o sentimento de uma missão: ele veio ao mundo para o pôr em ordem. A quem essas palavras poderiam se adequar melhor do que aos jovens de hoje? Apesar de todas as palavras de juventude, primavera e amor, jaz em todo jovem pensante um germe do pessimismo. Tal germe é duplamente forte em nosso tempo. Como pode uma pessoa jovem, sobretudo habitante de uma grande cidade, se defrontar com os problemas mais profundos, a miséria social, sem ser dominado, ao menos temporariamente, pelo pessimismo? Contra tal fato não há evidência; isso deve e pode apenas ajudar a consciência de que, não importa quão cruel o mundo possa ser, você veio para elevá-lo. Isso não é prepotência, mas sim apenas consciência de dever.

Essa consciência hamletiana da crueldade do mundo e da convocação para melhorá-lo se realiza também em Karl Moor. Porém, se Hamlet, diante da crueldade do mundo, não se esquece de si mesmo, reprimindo todo desejo de vingança, para permanecer puro, de outro lado, Karl Moor, em seu frenesi anarquista pela liberdade, perde as rédeas de si mesmo. Assim, ele, que se coloca como um libertador, deve sucumbir a si mesmo. Hamlet sucumbe ao mundo e permanece vitorioso.

Mais tarde, Schiller criou mais um representante da juventude: Max Piccolomini. Porém, mesmo que ele também seja mais simpático do que Karl Moor, enquanto pessoa, ele não está tão próximo de nós (de nós, jovens), pois as lutas de Karl Moor são as nossas lutas – a eterna insurreição da juventude, as lutas com a sociedade, o Estado, a lei. Max Piccolomini se situa em um conflito ético mais restrito.

Goethe! Esperamos de Goethe alguma simpatia pela juventude? Pensamos em Tasso, acreditamos reconhecer seu rosto severo ou seu fino sorriso sarcástico por trás da máscara de Antônio. E ainda assim – Tasso. Isso é novamente a juventude, mesmo que por motivos bem diferentes; não é em vão que um poeta é o herói. Na corte de Ferrara, os costumes e o decoro se fixam nos padrões mais rígidos. Não a moralidade “grosseira”. Agora, nós reconhecemos – Tasso é a juventude. Ele nutre um ideal – o da beleza. Mas, como ele não pode domar seu fogo juvenil, como ele faz o que nenhum poeta tem a permissão de fazer, como ele rompe as barreiras dos costumes em seu amor pela princesa, violando seu próprio ideal, ele deve se sujeitar à idade, para a qual a convenção se tornou os costumes. Essa é a ironia de suas últimas palavras:

Assim, o marinheiro finalmente se agarra

À rocha firme, na qual ele deve fracassar,

Ele, que desonrou o ideal de beleza, se aferra agora à rocha firme da convenção. Karl Moor fracassa por ser infiel a seu ideal moral; Tasso, por ser infiel a seu ideal estético.

O representante mais universal da juventude é Fausto. Toda a sua vida é juventude, pois ele não é limitado em nenhuma parte, ele sempre vê novos alvos, que ele precisa atingir – e jovem é qualquer pessoa, enquanto ela ainda não veja plenamente seu ideal atingido na realidade. Ver no acontecido a completude é o signo seguro da velhice. Por isso, Fausto precisa morrer; por isso, sua juventude termina no momento, em que ele pode se alegrar com o acontecido, e não ver mais nada restante. Se ele continuasse vivo, encontraríamos nele um Antônio. Em Fausto, mostra-se claramente, porque esses heróis da juventude não têm a permissão de “alcançar nada”, porque eles sucumbem no momento de realização ou precisam conduzir uma batalha eterna e sem sucesso por seus ideais.

Ibsen retratou aqueles que lutam sem sucesso por um ideal especialmente em dois comoventes tipos: em Dr. Stockmann, em *Um inimigo do povo*, e ainda mais discreta e comoventemente em Gregers Werle, em *O pato selvagem*. Gregers Werle é um exemplo particularmente bom daquele verdadeiro jovem, para quem a crença no ideal e no sacrifício – que permanece imperturbável até mesmo quando o ideal já não é mais plenamente realizável – já acarreta a infelicidade. (Porque felicidade e ideal são frequentemente opostos.) Pois, no final d’*O pato selvagem*, quando Gregers vê as consequências de seu idealismo fanático, permanece ainda firme sua decisão de servir ao ideal. Se o ideal, não obstante, apresentar-se-á como irrealizável, a vida é para ele, assim, sem valor; então, sua tarefa de vida é “ser o décimo terceiro na mesa” – é morrer. Destaca-se ainda outra coisa n’*O pato selvagem*. Como em muitas peças de Ibsen, essa também é movida por problemas – elas não encontram uma solução. Esses problemas são apenas o pano de fundo – a atmosfera do tempo –, do qual se destaca o caráter de um Gregers, que, através de sua própria vida, de sua vontade, do propósito de sua ação moral, resolve por si os problemas da cultura.

Ibsen retratou a própria juventude em Hilda Wangel de *Solness, o construtor* – embora nosso interesse se volte ao construtor, não na própria Hilda Wangel, que é apenas o pálido símbolo da juventude.

Por fim, chego ao mais jovem poeta da juventude. Ao mesmo tempo, a um poeta da juventude de nossos dias, chamado Carl Spitteler. Como Shakespeare em *Hamlet*, como Ibsen em seus dramas, Spitteler também apresenta heróis, que sofrem pelo ideal. Ainda mais pronunciado do que em Ibsen, Spitteler anseia por um ideal universal de humanidade – uma humanidade preenchida pela coragem da verdade –, sobretudo em suas grandes criações: os épicos *Prometeu e Epimeteu* e a *Primavera olímpica* são a expressão de sua convicção. Ali, assim como em seu romance confessional *Imago* – que eu definiria como o mais belo livro para um jovem –, ele apresenta a estupidez e a covardia das pessoas comuns, ora de modo trágico,

ora, caricato, ora, sarcástico. Ele também parte do pessimismo, para se elevar ao otimismo na crença da personalidade moral (Prometeu, Héracles, em *Primavera olímpica*). Seu ideal universal de humanidade e sua superação do pessimismo, assim como seu esplêndido *pathos*, que ele deve a um domínio da linguagem que ele provavelmente não compartilha com nenhuma outra pessoa viva, fazem dele um poeta para os jovens e especialmente para a nossa juventude.

Desse modo, aquilo que nossa revista deseja trazer à luz já está firmemente fundado nas obras dos grandes nomes da literatura.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften*, II-I. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991, p. 9-12.

Recebido em: 26/05/2025.

Aceito em: 03/06/2025.